

# Nataly Callai

ficção

## A escassez

Disse que chegaria às quatro, chegou às cinco e meia. Está atrasada, disse a irmã, que dizia pouco. Demorei a partir, querida, o calor aqui é verdadeiramente insuportável, e desamarra o lenço do pescoço. O marido da irmã toma para si a mala de mão dizendo seja bem-vinda. O sobrinho faz quicar três vezes uma bola de basquete, seca o suor do rosto com a camisa regata e olha para a mulher de pescoço nu. A rua deserta, somente os quatro grãos de pipoca sob a pressão de um sol alaranjado e o som de uma bola de basquete, sua miniatura terrena, quicando e queimando, como o tique-taque da contagem regressiva de um *timer* de cozinha.

Entremos.

A irmã administra com competência seus escassos recursos interiores e consegue mais uma vez pôr em funcionamento sua língua de lesma. Tome um banho, Ingrid. Ingrid irá ao banheiro, tomará um banho, secará o corpo com uma toalha limpa e vermelha, a única colorida dentre as outras três, claras e gastas, com nomes bordados em ponto-cruz. Em breve estará de volta à sala de jantar para encontrar os três moradores espremidos no sofá, em frente à televisão, aguardando, docilmente, as porções que lhes cabem do bafo do ventilador. E o que mais esperaríamos?

Estão indo cada vez mais cedo para a Europa, os jogadores de futebol, também estão cada vez mais ricos, você teria sucesso nos esportes

não fosse tão preguiçoso, mas só o que sabe fazer é ficar por aí, de um lado para o outro, perdendo seu tempo, diz, olhos inertes no noticiário, o marido da irmã. As costas do sobrinho se descolam do sofá e seu braço direito se descola do braço esquerdo de sua mãe e ele caminha em silêncio até o quarto. Sua mãe seca com as mãos o líquido amniótico no couro marrom e aponta a área de serviço para a visitante, é lá que se estendem as toalhas. Ela mesma tem pouco tempo ali, se levantará em breve para preparar o jantar.

Agora os quatro se encontram em cômodos diferentes da casa, como ratos espalhados em um labirinto. Será necessário um bom pedaço de queijo para uni-los novamente, e é tarefa da anfitriã proporcioná-lo. Ela cozinha com o pouco talento e com a pouca vontade que tem, e em menos de trinta minutos estão todos em volta da mesa. Os ratos se lambuzam, as ratas estão de dieta, comem em igual medida, mas uma é muito mais fraca que a outra.

O marido da irmã precisa acordar cedo, e diz a seu filho amanhã preciso de você às oito horas. O jovem está ocupado raspando o garfo no prato, olhando para uma mariposa no lustre, e não dá resposta. Nasceu sem palavras, como a mãe, e não as procura fora de si. Ingrid, do outro lado da mesa, as tem, e pode desperdiçá-las dizendo querida, não é um pecado que nos vejamos tão pouco? Se não fosse a minha insistência! Suas palavras caem em chão infértil, de onde serão varridas com os farelos do jantar. Tique-taque.

Fechemos as janelas. A casa foi tomada por insetos, será impossível dormir com tranquilidade. Ingrid deve estar cansada, viajou muitas horas, vamos colocá-la no quarto de visitas e fechar a porta.

São nove e meia da noite, os moradores e a visitante já se recolheram. No quarto ao final do corredor, o marido da irmã rasteja com as mãos debaixo do lençol e consegue tirar a calcinha de sua esposa em um movimento contínuo. É hora de tentar mais uma vez! A soldada ouviu o apito, está alerta e a postos, sempre alerta e a postos, mordendo o travesseiro e mexendo os quadris, esbanjando, de uma vez só, o vigor que economizou durante as outras horas do dia. Ela está acreditando que hoje a missão será um sucesso, mas está de costas para o marido e não vê sua recém-formada expressão de palhaço velho. Ele ainda possui a caixa de sapatos embalada com papel de presente, e vai

entregar a ela, e ela irá abri-la, grata e entusiasmada, para então dar-se conta, rapidamente, de que a mola está lá, e o palhacinho está lá, mas alguma coisa deu errado, mais uma vez.

São dez da noite. O marido da irmã se levanta para caçar mosquitos com uma raquete elétrica, a irmã se levanta para tomar água da geladeira. No resto da casa há silêncio, a porta do quarto de visitas, entreaberta. Lá está Ingrid, sentada à beira da cama, enquanto o sobrinho, em pé, se livra da cueca samba-canção. A irmã olha através do vão em espanto, como uma pessoa que viaja de volta para sua cidade natal e encontra um obelisco onde antes havia um montinho de areia. Ingrid percebe a irmã, mas não interrompe o que vinha fazendo, e a irmã continua plantada diante da porta, travou outro tipo de batalha e não irá desistir. Zum zum zum, um mosquito morre eletrocutado.

Amanhece. Pai e filho partem cedo, a irmã levanta no mesmo horário que os dois e depois volta para o quarto, mas antes deixa sobre a mesa da cozinha um copo de leite e três biscoitos de canela. Ingrid irá se alimentar, amarrar o lenço no pescoço e ir embora. Desmaiará na poltrona do ônibus, deixando de ver através da janela os incêndios nas florestas, comuns nessa época do ano. ■

**Nataly Callai** é escritora, dramaturga e roteirista.